

CONSIDERAÇÕES SOBRE DEMONSTRATIVOS DIANTE DE ANTROPÔNIMOS EM OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO

CONSIDERATIONS ABOUT DEMONSTRATIVES BEFORE ANTHROPONYMS IN *OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO*

Aline Moreira de Araújo*

Orientadora: Profa. Dra. Sonia B. Borba Costa

RESUMO

O artigo tem como objetivo observar o comportamento dos demonstrativos diante de antropônimos no *corpus* do século XIV, *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*, editado por Mattos e Silva (1971). Para isso, foram primeiramente observadas as mudanças por que passaram os demonstrativos latinos e os fatores que vêm sendo considerados para o surgimento do artigo definido nas línguas românicas, já que tais fatores puderam colaborar para a compreensão da existência de demonstrativos antes de antropônimos atestada no *corpus*. Em seguida, pôde-se notar que o sistema de demonstrativos no português do século XIV, atestado em *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*, comporta-se mais como dicotômico, marcando proximidade e distanciamento em relação ao emissor, além de contar com um anafórico (*esse*), do que como um sistema tricotômico (relacionado às pessoas do discurso), como é tradicionalmente colocado. Passando-se para a quantificação dos demonstrativos imediatamente ou não diante de antropônimos, pôde-se observar o número considerável de tais ocorrências (28,6%), dos quais 11% ocorrem imediatamente diante de antropônimos. Os contextos que se mostraram favorecedores a tais ocorrências foram: a) ocorrências de demonstrativos em segunda menção; b) ocorrências de demonstrativos com o personagem central da narrativa e c) ocorrência de demonstrativos diante de antropônimos em posição de sujeito, podendo o antropônimo ser núcleo ou modificador.

Palavras-chave: Demonstrativos. Antropônimos. Português do século XIV. *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*.

ABSTRACT

This article aims to observe the behavior of demonstratives before anthroponyms in a text from the 14th century, *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*, edited by Mattos e Silva (1971). For this purpose, there were first observed the changes that the Latin demonstratives went through and the reasons that's been considered for the emergence of the definite article in the Roman languages, once these reasons can contribute with the understanding about the existence of demonstratives before anthroponyms detected in the text. Afterward, it's been able to observe that the demonstrative system in the 14th century, attested in *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*, behaves much more like a dicotomic system, in which proximity and detachment are set in relation to the speaker, besides having an anaphoric demonstrative (*esse*), than like a tricotomic system (related to the discourse 1st, 2nd and 3rd persons), as it's traditionally said. Regarding the number of demonstratives immediately or not before anthroponyms, it's been able to percieve the considerable number of the occurences (28,6%), from which 11% occurs immediately before anthroponyms. The deteceted contexts that favoured these occurences were: a) usage of demonstratives in the second mention of the character; b) usage of demonstratives before the main character of the story; c) usage of demonstratives before anthroponym core of the subject or before common nouns core of the subject modified by an anthroponym.

Keywords: Demonstratives. Anthroponyms. 14th century Portuguese. *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC – UFBA). E-mail: alinemoreiradearaujo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo observar o comportamento dos demonstrativos diante de antropônimos no *corpus* do século XIV *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*, editado por Mattos e Silva (1971). Para isso, na seção 2, será inicialmente observado o comportamento dos demonstrativos no latim para que alguns pontos fiquem patentes:

- a) as mudanças que sofreram os demonstrativos latinos;
- b) a origem do artigo definido no português, a partir do demonstrativo *ille*;
- c) alguns fatores apontados como motivadores para o uso do artigo definido a partir do demonstrativo.

A seguir, na seção 3, serão observados os demonstrativos no português do século XIV integrantes do *corpus*, para que mais dois pontos fiquem em evidência:

- a) qual é o quadro de demonstrativos àquela época e de que demonstrativos latinos eles se originam;
- b) como se organizam os demonstrativos nesse período.

Na seção 4, serão apresentadas as análises de demonstrativos diante de antropônimos a partir dos dados do *corpus*. Ressalte-se aqui que a presença do demonstrativo imediatamente ou não diante de antropônimos é um comportamento não esperado para essa classe gramatical e pode sugerir, dentre outras coisas, que o artigo definido ainda não está completamente formado no português do século XIV, daí a necessidade de se observar também o processo de formação desse elemento.

Na seção 5, serão feitas as considerações finais.

2 OS DEMONSTRATIVOS NO LATIM E A FORMAÇÃO DO ARTIGO DEFINIDO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Os demonstrativos no latim relacionados às pessoas do discurso eram inicialmente *hic*, *iste*, e *ille*, relacionados, respectivamente, às primeira, segunda e terceira pessoas. Além desses, havia o demonstrativo anafórico *is*. Também, havia dois demonstrativos compostos a

partir de *is*: *ipse* (*is* + *pse*) e *idem* (*is* + *dem*). Segundo Väänänen (1998, *apud* CAMBRAIA; BIANCHET, 2008, p.20), esse sistema passou por uma reestruturação, que consistiu nas seguintes mudanças:

- is* desapareceu;
- hic* tomou o lugar de *is*;
- hic* desapareceu;
- iste* passou a exercer a função de *hic*;
- ipse* entrou em concorrência com *iste* e *ille*;
- ipse* ocupou o posto de *iste*, que era vinculado à segunda pessoa.

O demonstrativo *ille* não sofreu alterações quanto a sua função, permanecendo relacionado à terceira pessoa do discurso.

Isso pode ser mais bem observado a partir da tabela de Harris (1978, *apud* CARLIER; DE MULDER, 2010, p.1):

	DEMONSTRATIVES				IDENTITIVES	
	"1"	"2"	"3"	Anaphoric	"self"	"same"
Classical Latin	<i>hic</i>	<i>iste</i>	<i>ille</i>	<i>is</i>	<i>ipse</i>	<i>Idem</i>
Vulgar Latin	<i>iste</i>	<i>ipse</i>	<i>ille</i>		<i>*met-ips-imum</i>	

Tabela 1: A mudança nos demonstrativos do Latim Clássico para o Latim Vulgar

Observe-se que *iste*, que se relacionava à segunda pessoa no latim clássico, ocupou o lugar da primeira no latim vulgar¹, enquanto *ipse*, que tinha valor de *mesmo* (*self*), passou a se relacionar à segunda pessoa, além de substituir *idem*.

No latim, entretanto, não havia artigo definido. Esse se formou na maioria das línguas românicas a partir do demonstrativo *ille*, a partir do qual também se formou o pronome pessoal de terceira pessoa, para o qual o latim não tinha uma forma particular.

¹ Para os propósitos deste artigo, não é interessante o debate sobre a terminologia *latim vulgar*. Esta será aqui utilizada como a língua falada nos territórios conquistados pelos romanos – em oposição ao *latim clássico*, escrito entre os séculos I a.C. e I d.C.

Na tentativa de descrever o processo de formação do artigo definido nas línguas românicas até o seu uso como um marcador nominal, Greenberg (1978) elabora um ciclo, aqui delineado a partir de Ribeiro e Cyrino (2010).

estágio 0: o demonstrativo tem valor principalmente dêitico.

estágio I: o demonstrativo de terceira pessoa começa a adquirir valores anafóricos, ou seja, começa a identificar termos previamente mencionados no discurso.

estágio II: o artigo é uma variante do demonstrativo, de modo que as formas novas e antigas (artigo e demonstrativo, respectivamente) coocorrem. Aí pode haver diferentes graus de desenvolvimento, de modo que se pode estar mais próximo ou mais distante do estágio III.

estágio III: o artigo gramaticalizado passa a ser um marcador de nominalidade.

Observe-se que, para Greenberg, o fator motivador para o surgimento do artigo definido é o uso do demonstrativo com papel anafórico. Contudo, nem todos os autores atribuem a esse fator caráter principal. Cambraia e Bianchet (2008, p.21), por exemplo, mostram-se favoráveis a essa posição ao ressaltar o uso adjetivo do demonstrativo (aquele em que o demonstrativo ocorre antes do nome) como o principal motivador para o surgimento do artigo definido, enquanto Carlier e De Mulden (2010, p.24), colocam, além desse fator, o enriquecimento pragmático, em que o falante usa *ipse* ou *ille* não apenas para sinalizar para o ouvinte como o referente do sintagma nominal deve ser identificado, mas também para dar a ele uma instrução para que preste atenção ao referente. Para Epstein (2001, apud CARLIER; DE MULDEN 2010, p.8-9), por sua vez, o desenvolvimento do demonstrativo em artigo definido se dá quando, por razões expressivas, o falante escolhe usar um demonstrativo em contextos em que a identificação do referente não precisa dele.

Estas duas últimas hipóteses se mostram particularmente importantes porque, como será visto, parecem ser esses os usos dos demonstrativos (imediatamente ou não) diante de antropônimos, especialmente *este*, *aqueste* e *aquele*: aparentemente, eles são usados em contextos em que não seriam necessários para dar ênfase a um personagem importante na narrativa.

3 SOBRE OS DEMONSTRATIVOS EM O LIVRO PRIMEIRO DE OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO

Segundo Mattos e Silva (2006, p.108), os demonstrativos no português arcaico eram cinco²: *este*, *aqueste*, *esse*, *aqueste* e *aquele*, cada um deles com suas flexões de gênero e número. *Este* e *aqueste* se originaram do demonstrativo latino *iste*, *esse* e *aqueste* de *ipse* e *aquele* de *ille*.

Esse sistema de demonstrativos é tradicionalmente apontado como tricotômico, tendo como centro dêitico as pessoas do discurso: *este* e *aqueste* estariam relacionados à primeira pessoa, *esse* e *aqueste* à segunda e *aquele* à terceira. Mattos e Silva (2006, p.110), contudo, levanta a seguinte questão:

Um problema interessante que precisaria ser sistematicamente analisado no período arcaico é o de definir se de fato o sistema, no seu uso, é tricotômico: os dados dos DSG [Diálogos de São Gregório] permitem levantar a suposição de que a oposição entre as formas do tipo 1 e 2 podia ser neutralizada em proveito das do tipo 1 e que a oposição se fazia com clareza entre as do tipo 1 e 2, em variação, e as do tipo 3.

Esclareça-se que Mattos e Silva (2006) chama *formas do tipo 1* aquelas relacionadas à 1ª pessoa (no caso do português arcaico, *este*, *aqueste* e suas flexões de gênero e número, além das formas *isto* e *aquisto*); *formas do tipo 2* aquelas relacionadas à 2ª pessoa (*esse*, *aqueste* e suas flexões de gênero e número, além das formas *isso* e *aquisso*) e formas do tipo 3 aquelas relacionadas à 3ª pessoa (*aquele* e suas flexões de gênero e número, além da forma *aquilo*).

Nessa perspectiva, algumas considerações podem ser levantadas a partir da observação do corpus *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*:

- a) não parece haver nenhuma diferença de uso ou de ênfase entre *este* e *aqueste*;
- b) em suas poucas ocorrências, *esse* é apenas anafórico, enquanto *este* e *aqueste* marcam proximidade em relação à primeira pessoa (e provavelmente também em relação à segunda), uso situacional³ (dêitico) e *tracking*⁴ (fórico);

² Além dessas, há as formas neutras *isto* (variando com *esto*), *aquisto* (variando com *aquesto*), *isso* (variando com *esso*), *aquisso* (variando com *aquesso*) e *aquilo*, não relevantes neste trabalho.

³ Essa terminologia é elaborada por Himmelmann (1996, p.220) e é usada para tratar de quando um demonstrativo se refere a um elemento presente na situação de fala.

⁴ Também elaborado por Himmelmann (1996, p.226), o termo *tracking* é usado para fazer referência a elementos já ditos, permitindo que o interlocutor acompanhe o que aconteceu com quem.

- c) não há nenhuma ocorrência de *aquesse*;
- d) *aquele* marca distanciamento em relação à primeira e segunda pessoas, além de ter uso situacional e *tracking*.

O quadro abaixo sumariza essas considerações:

FATORES	DEMONSTRATIVOS			
	AQUELE	ESSE	ESTE	AQUESTE
Uso situacional	+	—	+	+
Uso <i>tracking</i>	+	+	+	+
Distanciamento	+	—	—	—
Proximidade face à 1ª pessoa	—	—	+	+
Proximidade face à 2ª pessoa	—	—	+	+

Quadro 1: Usos dos demonstrativos observados em *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório*

Observe-se que, em relação aos fatores levantados, não parece haver diferença nenhuma entre *este* e *aqueste*. A partir daí, pode-se começar a supor um sistema de demonstrativos no português do século XIV em que *este* e *aqueste* marcam proximidade, *aquele* marca distanciamento enquanto *esse* é um anafórico.

4 OS DEMONSTRATIVOS DIANTE DE ANTROPÔNIMOS EM *O LIVRO PRIMEIRO DE OS DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO*

4.1 QUANTIFICAÇÃO DE DEMONSTRATIVOS DIANTE DE ANTROPÔNIMOS

Como já mencionado, o objetivo principal deste artigo é fazer considerações sobre o comportamento dos demonstrativos diante de antropônimos no *corpus* em estudo. O curioso a se observar é que, segundo Lyons (1999, p.21), os nomes próprios são usados como se fossem absolutamente únicos, se aproximando mais de nomes inerentemente únicos (como *o sol*) do que de elementos definidos únicos contextualmente (como *o homem*). Por isso é que, pelo menos em tese, não haveria necessidade de nenhum marcador de definitude antecedendo o antropônimo. Contudo, em *O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório* podem ser encontrados:

- a) demonstrativos antecedendo imediatamente antropônimos realizados.

Além disso, também são encontrados dados de:

- b) demonstrativos antecedendo nomes comuns (núcleo do sintagma) modificados por antropônimos realizados;
- c) artigo definido antecedendo nomes comuns (núcleo do sintagma) modificados por antropônimos realizados.

Um exemplo de a) pode ser (1):

(1) Aqueste Libertino foi discipulo daquel santo homen Onrado de que suso falamos e aprendeu del como podesse fazer prazer a Deus per serviço que lhi fizesse. (p.6)

Um exemplo de b) pode ser (2):

(2) Aqueste santo homen Libertino ia a huu logar pera procurar proveito de seu moesteiro e, chegando aaquel logar o conde dos godos, queavia nome Darido, con sa mesnada grande, os seus homens derribaron o abade don Libertino do cavalo en que andava e tomaron-lho. (p.7)

Um exemplo de c) pode ser (3):

(3) E pois que o padre Equicio entrou na horta, o enmiigo que entrara na monja começou a dizer e a braadar per boca da monja come se quisesse fazer enmenda: (p.17)

O demonstrativo não seria esperado mesmo no contexto b), já que o antropônimo e o adjetivo compõem a chamada *proposição atributiva*, ou seja, aquela que tem o núcleo do sintagma modificado por um atributo. Segundo Himmelmann (2001), esse é um contexto típico de artigo definido, tal como no contexto c).

As ocorrências do tipo a) e b), contudo, não são poucas. Dos 343 antropônimos levantados⁵, 16,6% são de antropônimos realizados antecidos imediatamente ou não por demonstrativos. Vale ressaltar, contudo, que quase 42% dos dados se dão com os nomes *San Gregorio* e *Pedro*, respectivamente o locutor e o interlocutor da narrativa. Esses nomes são nus – ou seja, não são precedidos por nenhum determinante – em absolutamente todas as ocorrências. Para que o número elevado de ocorrências de demonstrativos precedendo imediatamente ou não antropônimos seja mais bem observado, foi preciso retirar da amostragem esses dois personagens. Tem-se como resultado um total de 28,6% de nomes próprios de pessoa realizados precedidos imediatamente ou não por demonstrativos, dos quais

⁵ Para os propósitos do estudo em questão, foram considerados apenas os personagens das narrativas, sendo descartados nomes bíblicos, como *Elias* e *Jesu Cristo*.

11% são de antropônimos imediatamente antecidos por demonstrativos. O quadro abaixo organiza os dados acima tratados:

Antropônimos antecidos imediatamente ou não por demonstrativos (<i>San Gregorio e Pedro</i> incluídos na amostragem)	16,6%
Antropônimos antecidos imediatamente ou não por demonstrativos (excluindo-se <i>San Gregorio e Pedro</i>)	28,6%
Antropônimos imediatamente precedidos por demonstrativos (excluindo-se <i>San Gregorio e Pedro</i> da amostragem)	11%

Quadro 2: Porcentagem de antropônimos antecidos por demonstrativos no *corpus*

É ainda interessante a constatação de que os demonstrativos que ocorrem no contexto a) são apenas *este* e *aqueste*, enquanto no contexto b) são encontrados *este*, *aqueste* e *aquele*. Também no contexto b), é encontrado um único dado de *esse*:

(3) Mais pero hua cousa ti quero dizer que non he pera calar, que ouvi a esse meesmo don Fiiz Curvo que era preposto desse moesteiro. (p.12)

Nesse caso, o demonstrativo acompanhado de *meesmo* enfatiza o antropônimo conferindo-lhe foco. São Gregório enfatiza nessa passagem que quem contou a história foi *Fiiz Curvo*, de quem ele já falou, e não outra pessoa.

Como discutem Carlier e De Mulden (2010, p.9-10), no latim, *ille* era um marcador de evidência, ou seja, tinha como um de seus usos enfatizar um protagonista ou um objeto importante no momento em que estava envolvida uma virada na narrativa, enquanto *ipse*, por outro lado, podia funcionar como um marcador de identidade, marcando proeminência discursiva, podendo significar *ele mesmo* ou *pessoalmente* (tal como parece ser o caso no exemplo (3)). Contudo, no português do século XIV atestado no *corpus*, observa-se um percentual muito elevado de *este* e *aqueste* atuando, ao menos aparentemente, como marcadores de evidência de antropônimos ou de nomes comuns modificados por antropônimos, como se pode ver no quadro abaixo:

Este	42%
Aqueste	49%
Aquele	7%
Esse	2% - uma única ocorrência

Quadro 3: Porcentagem de cada um dos demonstrativos antecendo imediatamente ou não antropônimos.

Somando-se os percentuais de *este* e *aqueste* – que, como já foi apresentado, parecem não ter diferença alguma –, observa-se que 91% dos nomes próprios são introduzidos pelos demonstrativos de proximidade.

Levanta-se, então, uma questão ainda sem resposta: se o papel de ênfase (evidência e identidade) era exercido pelos demonstrativos que deram origem a *aquela* e *esse*, por que, no português do século XIV, esse papel parece estar sendo exercido prioritariamente por *este* e *aqueste*?

4.2 CONTEXTOS FAVORECEDORES/DESFAVORECEDORES PARA A OCORRÊNCIA DE DEMONSTRATIVO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS

Na tentativa de compreender as elevadas ocorrências de demonstrativos diante de antropônimos realizados, foram até então observados os seguintes contextos:

- a) ocorrência de demonstrativos nos títulos que introduzem as narrativas;
- b) ocorrências de demonstrativos em primeira menção no corpo do texto;
- c) ocorrências de demonstrativos em segunda menção;
- d) ocorrências de demonstrativos com o personagem central da narrativa;
- e) ocorrência de demonstrativos diante de antropônimos em posição de sujeito, podendo este antropônimo ser núcleo ou modificador.

O Livro Primeiro de Os Diálogos de São Gregório é uma narrativa em que *São Gregório* conta a *Pedro* os grandes feitos dos homens religiosos. Cada história é introduzida por um título, como o exemplificado abaixo:

(4) Como o godo per vertude de Deus constrenjudo deu o meniho a Fortunado (p.44)

Foram identificadas 28 ocorrências de antropônimos nos títulos e em nenhuma delas o nome foi antecedido por demonstrativo.

Além disso, todos os nomes próprios ocorrendo em primeira menção são nus. Isso é esperado, já que se observou que em todas as ocorrências os demonstrativos imediatamente ou não diante de nomes próprios são anafóricos. Além disso, na grande maioria das primeiras menções, o antropônimo aparece como um nome propriamente, e não como referência ao nomeado ~~uma pessoa~~, o que não parece ser um contexto produtivo para demonstrativos. Observe-se o exemplo em (5):

(5) Huu homen mui santo avia nome Equicio, en terra de Valeria, ora muito honrado pola gramsantidade que avia e era mui conhecido deste abade Fortunado de que ora eu falei. (p.14)

Quanto à segunda menção, contudo, segundo Hertenberg (2011, p.7), os demonstrativos são preferidos a artigos definidos quando o referente é retomado pela segunda vez. Isso foi atestado no *corpus*, pois, em 71,4% das ocorrências, a segunda menção do referente antropônimo foi introduzida por um demonstrativo.

Segundo Lyons (1999, p.113), o demonstrativo é capaz de fazer distinções não dêiticas, como anáfora, tópico, contraste ou ênfase. Isso difere dos artigos definidos, que têm como uma de suas principais características a ausência de ênfase. Por isso, esperava-se que a ocorrência de demonstrativo diante de antropônimos se justificasse pelo seu caráter enfático. Para isso, foram analisados os personagens principais das narrativas. Dos 88 dados levantados, 48,8% ocorreram com demonstrativos, enquanto 51,2% ocorreram nus ou com outros determinantes. Esse foi um resultado que pareceu bastante equilibrado, mas pode sofrer uma pequena alteração se forem retirados da amostragem os vocativos e as primeiras menções, que, como o esperado, são sempre nomes nus. Como resultado, tem-se 54,4% de antropônimos de personagens principais introduzidos imediatamente ou não por demonstrativos e 45,6% de nomes próprios de personagens principais introduzidos por outros determinantes ou nus. O quadro abaixo permite visualizar melhor esses dados:

Antropônimos de personagens principais antecidos por demonstrativos (considerando-se vocativos e primeiras menções na amostragem total)	48,8%
Antropônimos de personagens principais antecidos por demonstrativos (desconsiderando-se vocativos e primeiras menções na amostragem total)	54,4%
Antropônimos de personagens principais antecidos por outros determinantes ou nus (considerando-se vocativos e primeiras menções na amostragem total)	51,2%
Antropônimos de personagens principais antecidos por outros determinantes ou nus (desconsiderando-se vocativos e primeiras menções na amostragem total)	45,6%

Quadro 4: Porcentagem de antropônimos de personagens principais antecidos por demonstrativos e contraste com aqueles antecidos por outros determinantes ou nus

Além de os percentuais, embora bastante equilibrados, parecerem ser favorecedores ao uso de demonstrativos antes de antropônimos de personagens principais, o dado abaixo pode ser mais uma fator colaborador para essa hipótese:

(6) Acaeceu en outro tempo que aqueste Libertino, sendo preposto do moesteiro de Fondon de que suso falamos, ia aa cidade de Ravena per mandado duu seu abade que fezeron

naquel moesteiro, depós o abade don Onrado que fora meestre deste Libertino assi como de suso dito he. (p.8)

No exemplo acima, o personagem central deste momento da narrativa é *Libertino*, e não *Onrado*. Assim, o personagem principal parece receber ênfase pela presença dos demonstrativos *aqueste* e *este*, em contraste com *Onrado*, que é introduzido por um artigo definido.

Quanto ao ponto e), ocorrência de demonstrativos diante de antropônimos núcleo do sujeito ou de nomes comuns núcleo do sujeito modificados por antropônimos, a posição de sujeito parece ser favorecedora do uso de demonstrativos diante de antropônimos realizados que estão em posição nuclear ou modificam o núcleo, pois 69% de todos os antropônimos antecidos por demonstrativos levantados estavam em posição de sujeito. Por outro lado, de todos os dados levantados de antropônimos nus ou antecidos por outros referentes, 56% ocorriam em outras posições, enquanto 44% dos dados ocorriam em posição de sujeito. Para essa amostragem, também foram eliminados os vocativos e as primeiras menções dos referentes, porque essas últimas, em sua grande maioria, ocorrem sempre no mesmo tipo de estrutura, como a apresentada no exemplo (5). Não se pode deixar de observar, contudo, que a porcentagem de nomes nus ou antecidos por outros determinantes em posição de sujeito também é elevada. Mas também é significativa a oposição que se estabelece em relação a esse fator, de modo que o percentual de antropônimos antecidos por demonstrativos é maior em posição de sujeito que em outras posições, enquanto o oposto se estabelece com os antropônimos em outras posições sintáticas, como se pode verificar no quadro abaixo:

	Com demonstrativo	Sem demonstrativo
Posição de sujeito	69%	31%
Outras posições	44%	56%

Quadro 5: Porcentagem de antropônimos com demonstrativos em posição de sujeito e em outras posições sintáticas em oposição aos antropônimos sem demonstrativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até então, podem ser feitas três considerações diante do apresentado. Primeiramente, no latim, eram os demonstrativos *ille* e *ipse* que ocorriam em contextos em que sua presença não era necessária para dar ênfase ao personagem ou ao objeto referido. No português do século XIV atestado no *corpus*, contudo, esse papel é exercido principalmente por *este* e

aqueste, demonstrativos que se formaram na língua portuguesa a partir de um terceiro demonstrativo latino: *iste*.

Em segundo lugar, observa-se a ocorrência de demonstrativos em pelo menos um contexto de artigo definido – *proposição atributiva*. Segundo Himmelmann (2001), isso sugere que o artigo ainda não foi completamente formado na língua. A partir daí, pode-se pensar em uma variação entre artigo definido e demonstrativos nesse período do português. Essa situação torna-se ainda mais complexa quando se observa – até então superficialmente – que também parece haver uma variação entre demonstrativos pronominais e o pronome pessoal de terceira pessoa. Segundo Hertzemberg (2001, p.6-7), o pronome de terceira pessoa deve retomar um referente *em foco*, ou seja, o centro da atenção, enquanto os pronomes demonstrativos devem retomar referentes *ativados*, aqueles representados por uma memória de curta duração, mas não o centro de atenção. No *corpus*, contudo, elementos *em foco* (conforme a proposta de Hertzemberg (2001)) são frequentemente retomados por demonstrativos, como no exemplo abaixo:

(7) Non ouvi que aqueste fosse discipolo de nenguu. (p.5)

No trecho acima, o pronome demonstrativo *aqueste* retoma o personagem *Onrado*, central nesta passagem da narrativa.

Por fim, observando-se os dados, percebe-se que são desfavorecedores à presença dos demonstrativos antropônimos em títulos e em primeira menção. Por outro lado, a segunda menção e a função de sujeito favorecem a ocorrência dos determinantes em questão imediatamente ou não diante de antropônimos. Quanto à ênfase, uso do demonstrativo parece destacar o personagem, embora a ocorrência de antropônimos de personagens principais com e sem demonstrativos tenha se mostrado equilibrada.

REFERÊNCIAS

CAMBRAIA, César Nardelli; BIANCHET, Sandra Maria Gualberto Caleidoscópio latino-românico: demonstrativos. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 35, p. 15-35, 2008.

CARLIER, Anne; DE MULDER, Walter. The emergence of the definite article in Late Latin: ille in competition with ipse. In: H. Cuykens, L. Van de Lanotte and K. Davidse (eds.), *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. The Hague: Mouton De Gruyter. 2010.

HERTZENBERG, Mari Johanne Bordal. *Distinguishing between ille and ipse as demonstratives, definite articles and peronal pronouns in late Latin*. 2011. Disponível em: <http://www.hf.uio.no/ifikk/english/research/projects/proiel/Activities/proiel/publications/mari_Lysebu.pdf> Acesso em: mar. 2013.

HIMMELMANN, Nikolaus. Articles. In: *Language typology and language universals: an international handbook*. HASPELMATH, Martin et al. 2001. p.831-841.

LYONS, Christopher. *Definiteness*. Nova Iorque: Cambridge. 1999.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado. Inédita.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto. 2006.

RIBEIRO, Ilza; CYRINO, Sônia. *A expressão de DPs em dois registros de afro-brasileiros do século XIX*. 2010.